

COMPETÊNCIA INTERPESSOAL DO PROFESSOR EM SALA DE AULA, DESEJO OU NECESSIDADE?

Ana Lúcia Bender Pereira¹ e Sandro Nero Faleiro²

RESUMO: O presente artigo tem como intuito abordar as competências do professor em sala de aula, em especial a competência interpessoal, refletindo sobre seu papel no processo ensino-aprendizagem, considerando-se que este, em boa medida, depende do estilo de relação que se estabelece entre o professor e o aluno. Em hipótese alguma se desconsidera a competência técnica do professor, mas sim, pretende-se abordar a interdependência desta com a competência interpessoal em sala de aula, pois atualmente espera-se que o professor desenvolva a capacidade de agir eficazmente em determinado tipo de situação, apoiado em conhecimentos e experiências vivenciadas. Assim, as reflexões acerca de competências interpessoais neste artigo foram fundamentadas na ótica de duas diferentes teorias psicológicas e de seus principais autores: Carl Jung e a Psicologia Analítica e Carl Rogers e a Perspectiva Centrada na Pessoa, bem como na forma como essas teorias entendem o relacionamento humano e, como consequência, a competência interpessoal do professor na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Competências interpessoais. Professor. Sala de aula. Teorias da personalidade. Psicologia analítica. Perspectiva centrada na pessoa.

1 INTRODUÇÃO

O termo competência é utilizado para designar aptidão, habilidade, conhecimento, saber. Costa (2002) refere que até o final da idade média a palavra competência pertencia tão somente à linguagem jurídica, e era designada para referir-se a alguém ou uma instituição que julgava e apreciava certas questões. O termo ampliou-se socialmente para referir-se acerca da capacidade de um indivíduo em pronunciar-se a respeito de algum assunto específico. Com o passar do tempo, adquiriu conotação genérica, principalmente para designar um indivíduo capaz de realizar com habilidade determinada tarefa.

Fleury e Fleury (2000) diferenciam os termos *competency* de *competence*. Para os autores, o primeiro termo refere-se a um comportamento competente e englobaria as características do indivíduo, seus conhecimentos, habilidades e atitudes e o segundo indicaria setores de trabalho em que o indivíduo é capaz, envolvendo sua desenvoltura no cargo, resultados e produtos.

Perrenoud (1999) define competência como a capacidade de agir eficazmente em determinado tipo de situação, apoiado em conhecimentos, mas sem se limitar a eles. Essa definição exibe um caráter transcendental do termo competência que foge do mensurável. Seria não somente saber agir, mas também fazer acontecer o momento para agir.

Para Million (2006), as competências são um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que, quando integrados e utilizados estrategicamente pela pessoa, permitem-lhe atingir

1 Graduada em Psicologia pela PUC; Especialista em Recursos Humanos pela UNISC; Mestre em Administração pela UFRGS/UNIVATES. Docente do Centro Universitário UNIVATES, Lajeado/RS.

2 Mestre em Administração pela UFRS (2001) e Bacharel em Administração pelo Centro Universitário UNIVATES. Professor assistente no Centro Universitário UNIVATES. Orientador do trabalho de Ana.

com sucesso os resultados que deseja. Assim, os conhecimentos e as experiências vivenciadas pelos indivíduos tornam-se fundamentais na formação de competências.

Moscovici (1985, p. 26) chama a atenção que “a competência técnica para cada profissional não é posta em dúvida, claramente todos reconhecem que o profissional precisa ser competente em sua área específica de atividade”. Porém, a autora reforça a ideia de que em cada profissão, tanto a competência técnica, como a competência interpessoal são importantes e “interdependente uma da outra”.

Nesse sentido, Morales (2001) relata que, quando se pensa na sala de aula de maneira espontânea, relaciona-se *em termos didáticos* (o que e como vamos explicar, o que vamos perguntar), refletindo que nem sempre se pensa na sala de aula, de maneira consciente e refletida, *em termos de relação com os alunos*. O autor salienta a importância da relação do professor com os alunos quando se pensa nos resultados não-intencionais, ou seja, “o que se ensina sem querer ensinar e o que se aprende sem querer aprender pode ser, e com frequência é, o mais importante e o mais permanente do processo de ensino-aprendizado, e isso por sua vez depende, em boa medida, do estilo de relação que estabelecemos com os alunos.” (MORALES, 2001, p. 16).

Assim, para Moscovici (1985, p. 27), competência interpessoal é a “habilidade de lidar eficazmente com relações interpessoais, de lidar com outras pessoas de forma adequada às necessidades de cada uma e às exigências da situação”. Para Morales (2001), esta é uma conscientização da dimensão mais relacional do trabalho do professor na sala de aula, ou seja, pensar na sala de aula como *lugar de relação*, lugar onde inevitavelmente nos relacionamos com os alunos. “O modo *como* se dá nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias que damos, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional, porque nossa relação com os alunos deve ser considerada uma *relação profissional*” (Morales, 2001, p. 10).

Morales (2001) salienta ainda que, como profissional de ensino, o professor possui como tarefa ajudar os alunos em seu aprendizado, buscando *seu* êxito e não *seu* fracasso, e a qualidade da relação com os alunos pode ser determinante para conseguir este objetivo.

Moscovici (1985) lembra que a competência interpessoal engloba várias habilidades de lidar com situações interpessoais, o que exige a flexibilidade perceptiva e comportamental, que significa procurar ver vários ângulos ou aspectos da mesma situação e atuar de forma diferenciada, não-rotineira, experimentando novas condutas percebidas como alternativas de ação.

Assim, é necessário desenvolver a percepção da situação interpessoal, que, segundo a autora, constitui-se num processo que requer treinamento, ou seja, um longo aprendizado no que se refere ao crescimento pessoal, abrangendo a autopercepção, autoconscientização e autoaceitação, ou seja, o autoconhecimento. “Se o indivíduo tem percepção mais acurada de si, então pode, também, ter percepção acurada da situação interpessoal, primeiro passo para poder agir de forma adequada e realística” (Moscovici, 1985, p. 27).

O professor, então, buscando o autoconhecimento, passa a adquirir uma maior compreensão tanto de sua própria personalidade quanto da de outras pessoas, ampliando sua capacidade perceptiva e seu repertório comportamental, saindo dos limites estreitos da conduta estereotipada do dia a dia.

Para o aprofundamento desse entendimento, utilizaram-se como referencial duas abordagens psicológicas: Carl Jung e a Psicologia Analítica e Carl Rogers e a Perspectiva Centrada na Pessoa. A escolha entre tantas outras abordagens foi intencionalmente tendenciosa, pela importância e utilidade evidentes na psicologia, bem como estando suas teorias mais compatíveis com os objetivos propostos neste artigo.

2 COMPETÊNCIA INTERPESSOAL: ABORDAGEM DE CARL JUNG E A PSICOLOGIA ANALÍTICA

Carl Jung (1875-1961), psiquiatra, fundou a escola de Psicologia Analítica e introduziu termos como extroversão, introversão e o inconsciente coletivo. Formado em medicina em 1902, já em 1905 Jung tornou-se professor de psiquiatria da Universidade de Zurich e conduziu uma pesquisa que visava ao estudo das reações da psiquê de pacientes mentais, dando início ao seu trabalho sobre associação de palavras. Nessa experiência, Jung apresentava uma lista de palavras, uma por vez, e o paciente tinha que responder com a primeira palavra que lhe viesse em sua mente. Caso o paciente hesitasse indevidamente antes de responder ou expressar uma emoção, isso indicava que a palavra revelava o que Jung chamava de “complexo” na pessoa – um termo que a partir de então se tornou universal.

Em 1921, Jung (apud Fadiman, 2004) publicou seu trabalho principal, *Tipos Psicológicos*, que aborda o relacionamento entre o consciente e o inconsciente e propõe os tipos de personalidade: introvertido e extrovertido - termos que se tornaram parte de nosso vocabulário. O autor enfoca que o estabelecimento e a promoção do diálogo entre os processos conscientes e inconscientes enriquecem a pessoa e promovem a INDIVIDUAÇÃO, que é o processo de desenvolvimento pessoal que envolve o estabelecimento de uma conexão entre o EGO (centro da consciência) e o SELF (centro da psique total, incluindo tanto o consciente quanto o inconsciente).

3 ATITUDES: INTROVERSÃO E EXTROVERSÃO

De todos os conceitos de Jung (apud Fadiman, 2004), introversão e extroversão foram provavelmente os que adquiriram maior uso geral, e o entendimento destes conceitos auxilia no objetivo de refletir sobre competência interpessoal do professor em sala de aula.

O autor descobriu que as pessoas podem ser caracterizadas como predominantemente orientadas ao interior ou predominantemente orientadas ao exterior.

A *introversão* é a atitude na qual a pessoa se sente mais confortável com o mundo interior. Interessa-se, sobretudo, por seus próprios pensamentos e sentimentos, seu mundo interior, tendendo a ser introspectivo. Vê o mundo em termos de como este o afeta. Um dos perigos para a pessoa deste tipo é que, à medida que fica imersa em seu mundo interior, pode perder o contato com o mundo a seu redor. O professor distraído é um exemplo claro, talvez estereotipado.

A *extroversão* é a atitude na qual a pessoa se sente mais à vontade com o mundo dos objetos e das outras pessoas, estando mais interessado em seu impacto sobre o mundo. Tende a ser mais sociável e mais consciente quanto ao que está acontecendo a sua volta. Precisa prevenir-se de ser dominado pelos eventos externos e alienado de seu mundo interior. Por exemplo, um professor severo que não tem compreensão de sentimentos ou relacionamentos é um clássico estereótipo de extroversão desequilibrada.

A tipologia de Jung é especialmente útil para nos auxiliar a compreender os relacionamentos que ocorrem na sala de aula, pois descreve como as pessoas percebem de modos alternos e utilizam diferentes critérios ao agir e fazer julgamentos.

4 COMPETÊNCIAS INTERPESSOAIS EM SALA DE AULA A PARTIR DA ABORDAGEM DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Considerando-se que a competência interpessoal em sala de aula envolve a capacidade de conviver com as diferenças interpessoais, em especial com os alunos, tornam-se importantes

os conceitos que o professor possui sobre si mesmo e que se refletem nas suas atitudes, valores, emoções, ações e reações que expressa diante de uma situação e em relação aos alunos.

Para Jung,

Ninguém é exclusivamente introvertido ou extrovertido. Cada pessoa tende a favorecer uma das duas atitudes e funciona com mais frequência nos termos da atitude favorecida. Às vezes, a introversão é mais apropriada; em outras a extroversão é mais adequada. As duas são mutuamente excludentes; não se pode manter uma atitude tanto introvertida quanto extrovertida ao mesmo tempo. Nenhuma delas é melhor que a outra (apud FADIMAN, 2004, p. 94).

Jung (apud FADIMAN, 2001), acreditava que na vida cada indivíduo tem como tarefa uma realização pessoal, o que torna uma pessoa inteira e sólida. Essa tarefa é o alcance da harmonia entre o consciente e o inconsciente, encontrando como resultado a flexibilidade em adotar a atitude que for mais apropriada em uma dada situação, ou seja, operar em termos de um equilíbrio dinâmico entre as duas e não desenvolver um modo fixo e rígido de responder ao mundo.

Para Morales (2001), utilizando-se o conceito de tipo psicológico do professor, identificado por Jung como introvertido ou extrovertido, e destacando em especial a comunicação interpessoal, pode-se perguntar até que ponto pode haver na sala de aula uma relação mais pessoal?

Nossos alunos não são nossos amigos no mesmo sentido em que podem sê-lo outras pessoas de nossa idade ou âmbito familiar. [...] Algo que alguns professores mencionaram, e que pesquisas mostram que contribui para criar uma atmosfera mais favorável ao mútuo entendimento, a um melhor *clima* e a um aprendizado mais significativo, é a abertura do professor para contar *coisas pessoais* na sala de aula (MORALES, 2001, p. 102).

O autor salienta que não se trata de contar aos alunos a própria vida pessoal, mas, por exemplo, experiências, episódios, opiniões pessoais e até êxitos e fracassos que *ilustram* ou se relacionam com aquilo que está tratando na aula.

Em uma revisão de 56 estudos experimentais sobre os efeitos da abertura com os outros realizados por Collins e Miller e citados por Morales (2001, p. 103), os autores chegaram a algumas conclusões importantes sobre o assunto aqui abordado, ou seja,

1. as pessoas que se abrem mais com os outros, que contam coisas mais pessoais de si mesmas, tendem a se dar melhor, são mais agradáveis, do que aquelas que se abrem em um nível mais trivial.
2. em geral, abrimo-nos com mais facilidade com as pessoas que inicialmente nos agradam mais.
3. quando nos abrimos e confiamos em outra pessoa, o efeito é que essa pessoa também se dá melhor conosco, como consequência de termos confiado nela.

Já os autores Goldstein e Benassi apud Morales (2001), realizaram pesquisa com 184 classes sobre as consequências da abertura do professor com os alunos em sala de aula e concluíram que, quanto maior a abertura do professor com seus alunos, maior a participação destes, melhor o clima e maior a motivação.

Já para Carkhuff apud Morales (2001), autor no âmbito da comunicação interpessoal, a abertura pessoal, dentro do que é adequado em sala de aula, pode ser uma manifestação de autenticidade e genuinidade, sendo entendido como autenticidade;

O saber ser nós mesmos, inteiramente e com toda liberdade, sem subjugar os outros... Em suma, trata-se de não apresentar uma fachada que oculte quem realmente somos. ... Não devemos ter medo de nos apresentar aos alunos como somos, pessoas humanas, com sentimentos e opiniões pessoais, com algo pessoal a comunicar ocasionalmente e, além disso, professores. Mas somos antes pessoas, e é importante que os alunos nos vejam assim (MORALES, 2001, p. 105).

Nesse sentido encontramos na escola psicológica Humanista, com perspectiva centrada na pessoa, um entendimento sobre o autoconceito e a autoimagem que o professor tem de si mesmo, e o quanto esses conceitos influenciam nas relações que ele estabelece.

5 COMPETÊNCIA INTERPESSOAL: ABORDAGEM DE CARL ROGERS E A PERSPECTIVA CENTRADA NA PESSOA

Carl Rogers (1902-1987) influenciou tanto a psicologia como a educação com a criação e a promoção da terapia centrada na pessoa, desenvolvendo seu trabalho por meio de propostas inovadoras, como o movimento dos grupos de encontro, sendo um dos fundadores da psicologia humanística. Rogers, durante sua vida de trabalho, expandiu seus interesses, também aos sistemas educacional, social e governamental, mantendo sempre a perspectiva filosófica humanitária.

Os principais conceitos desenvolvidos no trabalho de Rogers fundamentam-se em que “as pessoas se definem por meio da *observação* e *avaliação* de suas próprias experiências” (apud FADIMAN, 2004, p. 359), tendo como premissa básica que as “realidades das pessoas são assuntos pessoais e só podem ser conhecidas pelos próprios indivíduos” (apud FADIMAN, 2004, p. 359).

O desenvolvimento da abordagem centrada na pessoa está baseado em “estruturas sobre as quais as pessoas constroem e modificam suas imagens de si mesmas” (Fadiman, 2004, p. 359). Para Rogers (apud FADIMAN, 2004, p. 359), existe um *campo da experiência* próprio de cada indivíduo que contém “tudo o que está acontecendo dentro do envoltório do organismo em qualquer momento e está potencialmente disponível à consciência”. Por exemplo, eventos, sensações e percepções dos quais, muitas vezes, a pessoa não tem consciência, poderia retomar se detivesse atenção a esses dados. No entanto, esse campo corresponde a um mundo pessoal que pode adequar-se ou não a realidade observada.

O *campo da experiência* apresenta, entretanto, algumas limitações e restrições psicológicas e biológicas, pois este *campo* é subjetivo, seletivo e incompleto. Por limitações psicológicas entendem-se as experiências ou os dados sobre os quais queremos ter consciência; e limitações biológicas são as experiências ou dados sobre os quais temos condições de ter consciência. Contudo, nossa atenção, que está aberta a qualquer experiência, concentra-se em preocupações imediatas, excluindo todas as outras questões. Esse campo é ‘nosso mundo real’, e não pode ser percebido por nenhuma outra pessoa.

Dentro do campo da experiência está o *self*³, que é percebido como uma entidade mutável, instável, possibilitando às pessoas o crescimento e o desenvolvimento individual, a partir das mudanças que, se espera sejam positivas, para desencadear uma progressão natural e esperada. O *self*, portanto, é “o entendimento que uma pessoa tem de si mesma, baseado na experiência passada, nos dados presentes e nas expectativas futuras” (ROGERS apud FADIMAN, 2004, p. 359).

Nossa capacidade de desenvolvimento está relacionada diretamente ao modelo que a pessoa deseja ter de si mesma. Essa estrutura é conhecida como o *self ideal*, que é “o autoconceito que o indivíduo mais gostaria de possuir, sobre o qual atribui o maior valor para si mesmo” (apud FADIMAN, 2004, p. 359). Como o *self ideal* é uma estrutura que está em constante mudança, pode se diferenciar do *self real*. Quando isso acontece, a pessoa pode se sentir insatisfeita e apresentar dificuldades neuróticas. Quando existe uma diferença muito acentuada entre o *self real* e *self ideal*, pode odorrrer um obstáculo para a saúde pessoal.

3 “O *self* de Rogers é um *processo*, um sistema, que por definição está mudando” (apud Fadiman, 2004, p. 359).

Outro conceito abordado por Rogers diz respeito à tendência que a pessoa tem para a autorrealização, pois isso faz parte da natureza humana. Para Rogers, a tendência para a autorrealização é o impulso motivacional do ser humano que faz parte do processo de todas as coisas vivas, “é o anseio que se evidencia em toda a vida orgânica humana”(apud FADIMAN, 2004, p. 360).

Rogers desviou sua atenção dos estudos estritamente terapêuticos e começou a considerar os problemas do indivíduo em contexto social, desenvolvendo a abordagem centrada na pessoa em sociedade. Essa abordagem se baseou no que Rogers chamou de **poder pessoal**⁴, que se refere ao poder de tomada de decisão, ou seja, é o “processo de obter, utilizar, dividir ou abrir mão do poder, do controle e da tomada de decisão” (apud FADIMAN, 2004, p. 361). Para Rogers, a pessoa tem uma enorme capacidade de usar o seu poder pessoal de forma benéfica e correta. Roger se interessou sobre os tipos de influências do *poder pessoal* mais sutis e aceitos, como os que acontecem com terapeutas, professores, órgãos governamentais e empresas.

As influências do *poder pessoal* estão ligadas às relações interpessoais que ocorrem em todas as instâncias sociais. Quando esse *poder* é utilizado para controlar outras pessoas, o impulso para o autodesenvolvimento sofre influências diretas e é impedido de se estabelecer.

Rogers destaca que, sem esse controle / dominação de muitos por poucos, as pessoas e os grupos teriam mais condições para encontrar soluções para seus problemas. Ele descreve que essa situação poderia ser modificada nos ambientes de trabalho, nos governos, ou até mesmo, no ambiente escolar. No entanto, essa ideia foi mal interpretada e vista como revolucionária pelas organizações políticas da época. Porém, sua intenção não era uma mudança nos tipos de controle, mas uma reestruturação gradual dessas organizações, considerando o poder pessoal de todos os integrantes.

Outro termo desenvolvido nos estudos de Rogers foi a capacidade que a pessoa tem de perceber a realidade de sua vida. Ele observa essa capacidade e define como **congruência** o “grau de exatidão entre experiência, comunicação e consciência” (apud FADIMAN, 2004, p. 362). Conforme Rogers: “Um alto grau de congruência significa que a comunicação (o que estamos expressando), a experiência (o que está acontecendo) e a consciência (o que estamos percebendo) são todos iguais. [...] As crianças pequenas⁵ apresentam alta congruência” (apud FADIMAN, 2004, p. 362).

Quando o oposto da congruência ocorre, chamamos de **incongruência**, ou seja, ocorre muita diferença entre a comunicação, a experiência e a consciência. Segundo Rogers, de modo mais geral, a incongruência é “a incapacidade de perceber com, exatidão, a incapacidade ou indisposição – ou ambas – para se comunicar com precisão” (apud FADIMAN, 2004, p. 362). Dessa forma, Rogers detalha os seguintes tipos de incongruência: quando ocorre entre a ‘consciência e a experiência’, chama-se *repressão* ou *negação*. Neste caso a pessoa não sabe o que está fazendo e necessita de auxílio para tomar consciência de suas ações, pensamentos e atitudes.

O outro tipo de incongruência acontece quando existe muita diferença entre a ‘consciência e a comunicação’, não conseguindo a pessoa expressar seus sentimentos, pensamentos ou experiências. Nesse caso, muitas vezes a pessoa é vista como desonesta, inautêntica, enganadora. Contudo, essa forma de agir revela a falta de autocontrole e de consciência pessoal e não, necessariamente, uma natureza desonesta.

4 Grifo do autor.

5 Conforme Rogers, “a congruência é corretamente descrita pelo ditado Zen-budista: ‘quando estou com fome, eu como; quando estou cansado, eu sento; quando estou com sono, eu deito’ ” (p. 362).

Segundo Rogers, a “incongruência ocorre quando uma pessoa *não tem consciência* desses conflitos, não os compreende e, portanto, não pode começar a resolvê-los ou equilibrá-los” (apud FADIMAN, 2004, p. 363). Nesse sentido, é saudável quando a pessoa reconhece que possui sentimentos diferentes, conflitantes, comportando-se de forma diferente em momentos diferentes.

6 COMPETÊNCIA INTERPESSOAL DO PROFESSOR EM SALA DE AULA A PARTIR DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Para Rogers (apud Fadiman, 2004), os relacionamentos sociais são fundamentais para descobrir o *self*, pois é por meio do relacionamento com os outros que as pessoas desenvolvem a consciência de si mesmas.

O professor, para alcançar essa consciência de si mesmo, segundo Eizirik (2001), necessita manter certo equilíbrio cognitivo, para evitar a tensão do desequilíbrio, entendendo-se como equilíbrio as certezas, os sentimentos, expectativas, experiências, ao longo da vida, que lhe proporcionam, certa garantia a respeito do que fazer, como fazer. Assim, as relações em sala de aula servem para auxiliar o professor a descobrir seu *self* real.

Nesse sentido, Eizirik (2001, p. 78) chama a atenção para um dos muitos mecanismos de que o indivíduo dispõe, que é a seletividade perceptiva, e que pode atrapalhar o professor no conhecimento de seu *self* real, pois

[...] percebemos o mundo, os outros e a nós mesmos seletivamente; ou seja, apenas acolhemos e registramos aqueles sinais, imagens, sons, comentários, experiências que não provocam desorganização no equilíbrio existente. Aí encontramos, com frequência, a não aceitação de críticas, a percepção dos fatos de acordo com a possibilidade e capacidade de cada um.

Segundo a autora acima citada, a seletividade perceptiva pode ser acrescida de dois aspectos complementares: a acentuação e a defesa.

A acentuação é a ênfase, a força, o colorido, o impacto que muitas vezes determinados acontecimentos e situações provocam, e são contados com intensa emoção. A defesa é a negação, a ausência, o não falar, não ver, não enxergar determinados aspectos da realidade que provocaram intenso sofrimento e mais o fariam, se expostos (EIZIRIK, 2001, p. 78).

Também os estudos de Rogers destacam que as emoções exercem um importante papel no desenvolvimento da pessoa. Assim, o professor saudável tem consciência de suas emoções, conseguindo comunicá-las. A comunicação permite a expressão dos sentimentos, exercendo duas funções: a expressão da emoção e a capacidade de receber a resposta do outro, do aluno. Segundo Rogers, os “sentimentos cuja expressão é negada distorcem a percepção da experiência que os desencadeou e as reações a ela” (apud FADIMAN, 2004, p. 367).

Rogers descreve que:

[...] se estivermos plenamente conscientes, poderemos ouvir os ‘gritos silenciosos’ dos sentimentos negados ecoando em todas as paredes das salas de aula e corredores das universidades. E se tivermos suficiente sensibilidade, poderemos ouvir os pensamentos e ideias criativas que muitas vezes surgem durante e a partir da livre expressão de nossos sentimentos (apud FADIMAN, 2004, p. 385.).

A Teoria de Rogers apresenta, portanto, um enfoque na comunicação que influencia e desenvolve as competências interpessoais nas pessoas e nos grupos, desenvolvendo ele suas ideias destacando a importância do escutar o outro. Em outras palavras, para que possamos desenvolver

uma comunicação adequada, precisa-se aumentar a capacidade de escutar e reduzir o número dos juízos de valor.

Para Eizirik (2001), é a necessidade e o cuidado do professor de não utilizar a percepção seletiva para guardar com especial cuidado sua autoimagem, ou seja, de não utilizar um filtro perceptivo, que pode ser mais ou menos espesso, funcionando como película protetora ou sólida armadura. Neste último caso, quando existe uma sólida armadura, encontramos mais dificuldades no terreno do relacionamento em sala de aula.

Conforme Rogers, “em situações de encontro e nas interações diárias, o *feedback* dos outros nos oferece oportunidades de nos experimentarmos” (apud FADIMAN, 2004, p. 366).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos recolhidos por Follman (apud MORALES, 2001, p. 40) revelam que “são muitas as pessoas consideradas como eminentes que mencionam mestres e professores como figuras que influenciaram suas vidas de maneira importante ou decisiva”. Alguns professores desse mesmo estudo lembram que alguns de seus próprios professores fizeram diferença em suas vidas... e, por isso, querem que sua presença entre os alunos suponha algo mais que a explicação de alguns temas e a correção de algumas provas.

Os efeitos desejáveis, e indesejáveis, nos alunos, sobretudo naqueles que vão além do mero aprendizado dos conhecimentos, dependem, ao menos em boa parte, da relação do professor com eles. “O que convém lembrar, em primeiro lugar, é que, felizmente, o tão pesquisado *professor ideal* não existe. É um consolo, porque podemos aspirar a ser excelentes professores sem ter de chegar às alturas de um modelo não executável” (MORALES, 2001, p. 30).

Várias características podem ser associadas ao bom professor, mas não é necessário ter todas elas, pois também existem muitos tipos de alunos e de situações.

Há uma série de estudos que mostram a relação entre qualidade do professor (no entender dos alunos) e *traços de personalidade* e de caráter: os dominadores, distantes, agressivos são mais mal avaliados que aqueles considerados flexíveis, próximos e, curiosamente, os que são vistos como organizados, perfeccionistas, eficazes e outros traços associados à *motivação de êxito* (MORALES, 2001, p. 36).

Nesse sentido, pensa-se que pouco se pode fazer para mudar a personalidade, ou seja, utilizando-se o exemplo acima citado pelo autor Morales (2001), passar da desordem excessiva à ordem perfeita. Entretanto, pode-se potencializar o que há de mais positivo em nós mesmos, considerando necessário sublinhar a importância de como o professor se vê, como concebe seu papel de professor.

Para Argyris *apud* Moscovici (1985), a competência é a habilidade de lidar eficazmente com relações interpessoais por meio da percepção acurada da situação interpessoal, de suas variáveis relevantes e respectiva inter-relação.

Um olhar sobre a sala de aula permite que seja explicitada uma abordagem sobre essas relações perceptivas. Eizirik

[...] chama de **relações perceptivas** todas aquelas interações que se fazem entre pessoas, através do olhar, da voz, da postura, da linguagem, dos gestos, das entonações, que traduzem impressões, sentimentos, concepções, atitudes cuja força que têm para nós muitas vezes não sabemos, mas que marcam profundamente nossas práticas (EIZIRIK, 2001, p. 76).

Segundo Eizirik (2001), o professor precisa ver, interagir e se relacionar com os outros através dele mesmo.

Muito está em jogo. Precisamos, muitas vezes, lutar para manter sob controle determinados impulsos e emoções que não gostaríamos de nos perceber tendo, e nem sempre conseguimos controlá-los ou administrá-los. Passam, muitas vezes, pela entonação da voz, pelo olhar, pelo corpo. Transmitimos o que, por vezes, nos é desconhecido (EIZIRIK, 2001, p. 77).

O autor reflete que é nos fragmentos do cotidiano da sala de aula, que o poder do professor é exercido, por meio do controle da palavra, do tempo, do comportamento, das notas; pelo olhar, pelos gestos, pelo tom de voz, pela postura; pela ironia e pela agressão sutil.

Nesse sentido a teoria Centrada na Pessoa de Rogers destaca que a pessoa deve estar envolvida com a realidade em que vive, estar aberta às experiências/sentimentos, tomando consciência de suas emoções para ter condições de tomar suas decisões e, principalmente, reconhecer as consequências de suas ações no convívio social.

Ou seja, esse professor, que mantém rijo controle sobre o que pensa de si mesmo, que não quer saber, não quer ouvir, não deixa entrar, não quer mudar, possivelmente terá maiores dificuldades no convívio em sala de aula, pois, para Eizirik (2001, p. 80), “existe um inegável entrelaçamento, entre a forma como somos e percebemos o mundo, e como desempenhamos nossa função como professores”.

É claro que ocorrem, em meio a esses processos, momentos de *insight*, visibilidade do próprio erro, gerando culpa, reflexão, auto-avaliação. Esses são momentos de desequilíbrio das certezas e vêm acompanhados de intenso sofrimento. Contudo, também são esses os momentos essenciais para o crescimento pessoal, que contribui para o grupal e o institucional (EIZIRIK, 2001, p. 84).

Como professor, torna-se necessário, portanto, refletir sobre as suas práticas, especialmente pedagógicas, e o quanto estereotipamos alunos, colegas e, com isso, empobrecemos e rigidificamos nossa visão sobre eles.

Ou seja, a modelagem social e o autoconhecimento permitem ao professor, por meio das experiências vivenciadas, desenvolver as capacidades para o desenvolvimento de competências interpessoais. Esse aspecto a teoria Psicologia Analítica de Jung também aborda, quando refere que é por meio da observação do efeito de suas atitudes que os indivíduos acabam por distinguir quais comportamentos são apropriados e em quais situações, servindo como um guia para os relacionamentos.

REFERÊNCIAS

COSTA, Emerson Basanesi da. **Competências essenciais da Lapônia Sul - Estrela**. 2002. 101 f. Monografia (graduação) Curso de Administração – Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, RS, 2002. ①

EIZIRIK, Marisa F. **Educação e escola: a aventura institucional**. Porto Alegre: AGE, 2001. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧

FLEURY, A; FLEURY, M. **Estratégias empresariais e formação de competências: um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira**. São Paulo: Atlas, 2000. ①

MILIONE, Benedito. **Gestão de competências**. Disponível em: <<http://www.empregos.com.br/index.asp>>. Acesso em: 22 abr. 2003. ①

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ ⑬ ⑭

MOSCOVICI, Felá. **Desenvolvimento interpessoal**. Rio de Janeiro: LTC, 1985. ① ② ③ ④ ⑤

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. ①